

JUVENTUDE E TRABALHO PLATAFORMIZADO NO BRASIL: JUVENTUDE INDICANDO TENDÊNCIAS

Euzébio Jorge Silveira de Sousa¹

Márcio Pochmann²

Luana Meneguelli Bonone³

Resumo: A expansão da economia de plataforma tem produzido transformações no mercado de trabalho em todo o mundo, desregulamentando mercados, flexibilizando relações trabalhistas, remunerando sob demanda e impondo uma lógica de produção just-in-time. Fruto do fim do contrato social do pós-guerra, da desregulamentação financeira e da imersão de um paradigma tecnológico mais flexível, a nova economia se utilizou das plataformas para transformar a geração de valor a partir da redução do tempo de rotação do capital e geração e processamento de grande massa de dados sobre padrões de consumo e gestão da produção, sobretudo do trabalho. O mercado de trabalho no Brasil nunca superou o excedente estrutural de força de trabalho e a profunda heterogeneidade, marcado por elevado desemprego, baixos salários, alta rotatividade e grande incidência de subempregos. As particularidades da inserção laboral de jovens é um indicador de mudanças de ciclos econômicos e transformações no mundo do trabalho. O presente artigo aponta que a juventude está mais exposta às precárias ocupações plataformizadas por possuir elevada taxa de participação, estar mais exposta ao desemprego, ter maior disposição física para o trabalho extenuante, ser obrigada a conciliar trabalho e estudo e ter maior familiaridade com novas tecnologias. No entanto, ponderamos que este grupo etário tende a ter papel relevante na organização dos trabalhadores de plataforma.

Palavras-chave: Economia de plataforma; Juventude; trabalho; Gig Economy; Crowdworkers.

1 Doutor em desenvolvimento econômico pela UNICAMP. Mestre em Economia Política pela PUC - São Paulo. Especialista em "Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais" pela UFMG. Graduado em Ciências Econômicas pela PUC - São Paulo. Atualmente é Professor de Economia na FEA-USP, FESPSP e STRONG ESAGS (Certificada FGV); Presidente do Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ). euzebiojorge@gmail.com

2 Economista, professor titular da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, onde é pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho do Instituto de Economia. Foi Secretário do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura de São Paulo (2001-2004) e Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2007-2012). marciopochmann@yahoo.com.br

3 Doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ, pesquisadora do Grupo Marxiano de Pesquisa em Informação, Comunicação e Cultura (ComMarx), mestra em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2013), com especialização em Democracia Participativa (2014) e graduação em Comunicação Social pela UFMG (2006). Atualmente é professora de Redação do programa Pré-Vestibular Social do CEDERJ. luanabonone@gmail.com

Introdução

Uma categoria fundamental a análises histórico-dialéticas é a de *transição*. Além de ser essencial na compreensão da relação entre o velho e o novo, a categoria é importante à investigação de Marx que objetiva descobrir as leis que regem os fenômenos, mas também (e principalmente) compreender seu desenvolvimento, a modificação desta própria lei, ou seja, a *transição* de uma forma para outra, de um modo de produção para outro⁴.

A transição entre épocas históricas diferentes se caracteriza por transformações nas formas de acumulação, como David Harvey identifica ao descrever as mudanças político-econômicas do fordismo ao que denomina regime de acumulação flexível. Com a crise do petróleo de 1973 e o desenvolvimento de tecnologias cibernéticas, desenvolve-se também uma nova maneira de organização do trabalho pelo capitalismo, tendo no centro corporações transnacionais com estrutura de gestão, produção e distribuição localizadas em diferentes países. Em geral, as sedes administrativas, para onde se dirigem as divisas, e as indústrias de transformação situam-se em países do centro (norte global), enquanto os processos de acabamento, montagem e estruturas de distribuição localizam-se em países da periferia (sul global). Ao invés da produção em larga escala fordista, toma lugar a economia de escopo, com produção em pequenos lotes e maior variedade, com lógica de consumo em tempo acelerado, produção *just-in-time*. Como as grandes corporações dividem sua gestão e produção em diferentes países, o regime de acumulação é marcado também por flexibilização e desregulação do trabalho, com forte estímulo ao empreendedorismo e a práticas como terceirização e pejetização, além, é claro, de uma “completa reorganização do sistema financeiro global e a emergência de poderes imensamente ampliados de coordenação financeira”⁵.

Na década de 1970, se estabelece a matriz tecnológica de quase todas as inovações que se desenvolvem no século 21, promovendo mudanças nas formas de acumulação capitalista que permitem a compreensão de que o mundo não vive uma *época de mudanças*, como muitos discursos propagam, mas uma *mudança de época* histórica⁶. Esta afirmação parte da compreensão de que o surgimento de tecnologias como a internet permitiu o desenvolvimento de novos modelos de negócios⁷, os quais apresentam indícios de transformações importantes nas formas de acumulação do capital na fase histórica atual.

Ao menos três conjuntos de transformações dão indícios de uma

4 MARX, Karl. O capital: crítica da Economia Política, volume I, tomo 1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

5 HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

6 POCHMANN, Márcio. Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2020

7 DANTAS, Marcos. The Financial Logic of Internet Platforms: The Turnover Time of Money at the Limit of Zero. TripleC, v. 17, n. 1, pp. 132-158, 2019.

mudança de época: a) o deslocamento do centro dinâmico no mundo: do Ocidente para o Oriente (movimento oposto ao que ocorreu no século XVIII, no processo de consolidação do capitalismo industrial); b) o ingresso na era digital, marcada por sucessivas inovações tecnológicas e transformações nas formas de acumulação capitalista; e c) um processo de reconfiguração do trabalho em função dessas transformações⁸.

O primeiro conjunto de transformações não pode ser desenvolvido no escopo deste artigo, em função do foco que lhe foi atribuído, mas pode ser apreciado no debate empreendido por Márcio Pochmann⁹. Quanto aos pontos b e c, a leitura de Marcos Dantas pode ser bastante esclarecedora. Dantas parte da teoria do valor de Karl Marx e destaca passagens d'*O Capital* (livro 2) e dos *Grundrisse* a respeito do investimento constante no desenvolvimento dos transportes e comunicação – do telégrafo e locomotiva a vapor até a internet – para reduzir o tempo de rotação, que compreende a produção e a realização do capital. Este é o desafio principal do sistema capitalista no sentido de ampliar a sua acumulação: realizar o número máximo de rotações possíveis em um ano. Marx¹⁰ considerava os sistemas de transporte e comunicação como continuidade do processo de produção *na* circulação e *para* a circulação.

A partir do desenvolvimento da internet, são constituídas plataformas digitais que se configuram como praças de mercado (*marketplaces*), à medida que colocam produtores e consumidores em contato, independente da natureza de sua atividade (se é um site de buscas, um aplicativo de música ou redes/mídias sociais) ou da taxonomia que se estabeleça para classificá-las. Dantas¹¹ argumenta que a presença de diversos vendedores em um mesmo lugar gera competição, mas também atrai ainda mais consumidores, ao passo que a presença de muitos consumidores facilita a troca de informação entre eles sobre preços de produtos, de forma que é atrativo tanto para consumidores quanto para vendedores fortalecerem um mesmo lugar. Assim, os postos dominantes no mercado das plataformas digitais serão ocupados por aqueles que, por alguma razão em um dado momento, consigam se mostrar mais atrativos. As plataformas se beneficiam do efeito de rede: seu valor cresce na mesma medida que o número de usuários; e se o valor cresce, mais usuários se interessarão, lógica que favorece a concentração (monopólios), sendo este mercado dominado por um pequeno grupo de gigantescas corporações: GAFA (Google/Amazon/Facebook/Apple) e alguns outros.

8 POCHMANN, M. Transformações Atuais do Capitalismo. Youtube, 22 mai. 2021

9 POCHMANN, Márcio. Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2020

10 MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia Política*, volume I, tomo 1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

11 DANTAS, Marcos. The Financial Logic of Internet Platforms: The Turnover Time of Money at the Limit of Zero. *TripleC*, v. 17, n. 1, pp. 132-158, 2019.

Os novos modelos de negócio que vêm sendo experimentados nas últimas décadas, absolutamente imbricados com o capital financeiro, como demonstra Dantas, têm por base a captação, sistematização e direcionamento de dados produzidos por milhões de usuários (trabalho semiótico) por meio de algoritmos (capital fixo) com o objetivo de transportar informação o mais rápido possível entre compradores e vendedores, fazendo com que o tempo de realização do capital chegue ao limite de zero.

Para que este processo ocorra, as plataformas de internet contratam trabalho técnico-científico – em geral bem remunerado – para continuamente analisar e desenvolver algoritmos, mas em muitos casos é necessário também estocar e transportar mercadorias, de forma que seu quadro pode incluir uma massa de trabalhadores que realizam tarefas de baixa remuneração ou, como no caso do Whatsapp, por exemplo, constituir-se como uma big tech, empregando não mais que 50 engenheiros¹².

Mercado de trabalho no Brasil e mudanças tecnológicas

A estrutura ocupacional brasileira foi constituída com um grande contingente de trabalhos precários, subempregos e atividades de subsistência. Na condição de país subdesenvolvido, o Brasil não conseguiu suplantando o persistente excedente estrutural de força de trabalho, o que significa dizer que, independentemente do ciclo econômico, o país não foi capaz de gerar um dinamismo e uma estrutura produtiva que absorvessem o grande número de trabalhadores buscando uma ocupação. Os setores econômicos mais produtivos, em períodos de maior dinamismo, geravam transbordo de renda para setores ou camadas da economia atingida indiretamente pela economia tipicamente capitalista¹³, mas sem superar a precariedade da estrutura laboral. Como foi apontado por Oliveira¹⁴, os setores e camadas econômicas que deveriam ser superados pelo progresso das forças produtivas, como ocorrera em países do capitalismo central, passam a fazer parte da dinâmica de acumulação aqui implementada. Este fenômeno adquire outra dimensão quando se observa, na economia platformizada, que as empresas transnacionais, que incorporavam o trabalho dos subocupados apenas indiretamente, via redução dos custos de reprodução da força de trabalho e outras formas precárias, passam a assimilar essa massa de trabalhadores a partir de uma *cyber* coordenação do trabalho, sem romper com os aspectos

12 DANTAS, Marcos. The Financial Logic of Internet Platforms: The Turnover Time of Money at the Limit of Zero. *TripleC*, v. 17, n. 1, pp. 132-158, 2019.

13 SOUZA, Paulo Renato. A determinação dos salários e do emprego nas economias atrasadas. 1980. [195] f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP; 1980.

14 OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista / O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003

centrais das ocupações em países subdesenvolvidos¹⁵.

A transição da segunda para a terceira revolução industrial possibilitou a utilização de tecnologias de comunicação e informação, robótica, eletrônica, entre outras, para gerar uma estrutura produtiva mais flexível, que possibilitou a transposição dos muros da fábrica e dos estados nacionais no processo de expansão industrial. O novo paradigma possibilitou tanto inovações tecnológicas quanto organizacionais, ao produzir ferramentas de trabalho como os microprocessadores que transformaram a maneira de executar e gerir o trabalho, acelerando a destruição de tarefas intermediárias, caracterizadas pelo gerenciamento do trabalho e por proporcionar salários superiores aos dos operários de chão de fábrica, denominados, por Mills¹⁶, *"White Collar"*, a nova classe média¹⁷.

As transformações econômicas, políticas e sociais que suplantaram o Estado de bem-estar e flexibilizaram as relações de trabalho em países de capitalismo avançado foram construídas a partir dos choques do petróleo, da estagflação e do desenvolvimento da terceira revolução tecnológica e industrial. Com o argumento de que a crise só seria suplantada pela ação dos mercados desregulamentados e a livre mobilidade de capitais, a flexibilidade das tecnologias de comunicação e informação permitiriam a distribuição de plantas produtivas nos mais distintos territórios do mundo, em busca de menores impostos, salários e direitos trabalhistas e maiores jornadas de trabalho. Com o capital transitando entre países sem subordinar-se às fronteiras dos Estados Nacionais, amplia-se o espaço econômico de atuação de grandes empresas transnacionais, que experimentam uma acumulação em uma escala ainda não observada. Com a construção de tecnologias de gestão e gerenciamento do trabalho só possíveis com grande escala de trabalhadores e consumidores interagindo e alimentando as máquinas com dados, associada à impotência, ou negligência, dos Estados Nacionais, que permitem descumprimento de legislações trabalhistas e pagamento de tributação imprescindíveis ao funcionamento do Estado, essas corporações se expandem também em países com capitalismo atrasado. Países subdesenvolvidos que

15 O excedente estrutural de força de trabalho no Brasil estabeleceu as características do mercado de trabalho que, segundo Oliveira (2015), consiste em elevada desocupação, baixos salários e alta rotatividade, ao que se soma a expressiva incidência de subempregos. Essas características são definidas como estruturais por serem catapultadas de um ciclo econômico para outro no Brasil. Mesmo em períodos de crescimento econômico, elevada atuação do Estado na economia e industrialização intensiva, o país não rompeu de forma consistente e duradoura com essas distorções, que se transformaram em particularidades endógenas do processo de acumulação realizada no país.

16 WRIGHT MILLS, C. A Nova Classe Média: White Collar. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1969

17 Esta transformação possui grande relevância quanto ao descasamento do horizonte profissional dos jovens e a trajetória formativa produzida pela despadronização do trabalho. Seja nos países centrais ou subdesenvolvidos, parcelas expressivas dos jovens buscam se ocupar na burocracia fabril ou em atividades de escritório que possibilitam melhores oportunidades salariais.

não chegaram a construir adequadamente um Estado de bem-estar social se transformam no parâmetro do que é aceitável quanto às condições de trabalho para ingresso deste capital.

O surgimento da economia plataformizada não deriva do acaso oriundo de um tipo particular de tecnologia de comunicação e informação, mas de um processo deliberadamente construído desde a desregulamentação financeira e desconstituição do Estado de bem-estar social nos países desenvolvidos. A redução do papel do Estado, a mobilidade de capitais e a descentralização produtiva construiu processos de flexibilizações trabalhistas, difusão da terceirização e produziu a proliferação de um caleidoscópio¹⁸ de relações de trabalho que buscavam a desconstrução da relação entre os trabalhadores enquanto classe.

A busca do trabalhador atomizado, empreendedor e autossuficiente constrói artificialmente a relação ideal que economistas neoclássicos vislumbravam para o mercado de trabalho, com vendedores de mão de obra recebendo salários idênticos a sua produtividade marginal e o capital sendo remunerado também no exato valor que agregou à produção de riqueza. Nesse cenário de ideal neoclássico, não existe conflito entre classes, pois não há classes, existem indivíduos hedonistas buscando a maximização de sua utilidade e prazeres. A remuneração a partir da produtividade marginal do trabalho pressupõe a possibilidade de separar a contribuição de cada trabalhador no processo produtivo, como se a tecnologia flexível permitisse uma divisão justa da colossal massa de riqueza produzida por uma multidão de trabalhadores atuando em diferentes camadas da economia e em distintos territórios do globo. A contradição consiste em identificar que a busca de individualizar a remuneração, a jornada e a trajetória profissional dos trabalhadores ocorre no período em que a integração das cadeias produtivas e as particularidades da riqueza produzida nunca construiu uma integração tão indissociável da riqueza social.

O argumento de individualização do trabalho, seja pelas tradicionais formas de terceirização e pejetização do trabalho, seja pelo trabalho plataformizado, não coloca em questionamento a capacidade desta forma de organização da produção ampliar a produtividade. Com jornadas de trabalho mais longas e salários mais baixos, homens e mulheres de todas as faixas etárias buscam articular um conjunto de ocupações que compõem frações de sua remuneração mensal. Se por um lado este processo reduz a possibilidade desses trabalhadores ficarem completamente sem rendimento, por outro, dificilmente permite que atinjam uma renda que considerem adequada, por não garantirem remuneração em todas as atividades a que estão vinculados. Com isso, os trabalhadores tendem a não desfrutar de seguridade no trabalho

18 DEDECCA, Cláudio Salvadori. Racionalização econômica, emprego e relações de trabalho no capitalismo avançado. 2005. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP, 2005

e precisam estender sua jornada para níveis indesejáveis, pois há incerteza quanto ao futuro próximo. Os jovens que se inserem no mercado de trabalho nesse cenário precisarão construir estratégias para lidar com excesso de trabalho, fragilidade de vínculos e possibilidade de não construir uma carreira fundada em uma atividade exclusiva. Deve ser ressaltado que em 2019 mais de 40% dos jovens estavam ocupados há mais de um ano em plataformas, sendo 12%, há mais de três anos¹⁹.

As plataformas

Na década de 1990, surge uma grande variedade de plataformas que possuíam objetivos de compartilhamento não orientados ao lucro, relacionadas à pesquisa, participação política, redes de amizade, entre outras. Nos dias atuais, as plataformas são caracterizadas por produzirem ambiente digital de interação de usuários para diferentes fins. A grande massa de dados produzidos serve para predição de comportamentos, influenciar padrões de consumo, automatizar procedimentos com distintos graus de complexidade, entre outras finalidades ainda em desenvolvimento.

As pressões produzidas pelo processo de financeirização na década de 1990, além de provocarem a “bolha da internet” e a abertura comercial e financeira nos países subdesenvolvidos, impuseram a necessidade de lucros imediatos na chamada “nova economia”. Absorvendo grandes volumes de capitais ansiosos por rentabilidade futura, as plataformas digitais precisaram se apresentar como rentáveis, seja produzindo riqueza tangível, seja pela criação de expectativas de valorização futura. De uma forma ou de outra, a capacidade dessas grandes corporações transnacionais de sobrepor-se a legislações locais e obliterar a concorrência via práticas anticoncorrenciais lhes permitiu sonegar impostos, abster-se de arcar com direitos trabalhistas e eliminar a concorrência nacional.

Segundo De Stefano²⁰, as pessoas ocupadas em plataformas sob demanda são trabalhadores *just-in-time*, possuem salários variáveis que não necessariamente suportam os custos de reprodução do trabalhador e remuneram apenas o exato momento em que o trabalhador está executando o trabalho contratado, ainda que esteja se deslocando para o local do serviço, esteja com o aplicativo ligado, ou mesmo alimentando os dados inerentes às tarefas executadas. Os aplicativos deste tipo, de *Gig Economy*, possuem remunerações variáveis e imprevisíveis, por produzirem alterações nas

19 Fonte: IBGE / PNADC. Elaboração DIEESE com metodologia de GARCIA, L. O mercado de trabalho brasileiro em tempos de plataformação: contexto e dimensionamento do trabalho cyber-coordenado por plataformas digitais. Porto Alegre: Dissertação no Mestrado de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

20 DE STEFANO, Valerio. The Rise of the ‘Just-in-Time Workforce’: On-Demand Work, Crowdwork and Labour Protection in the “Gig-Economy. Genebra: OIT, 2016

remunerações médias a depender: da oferta e demanda pelo serviço, de estratégias promocionais da empresa não anunciadas aos trabalhadores e de medidas de contenção de atividades reivindicatória de seus trabalhadores. O funcionamento dos algoritmos das empresas exerce um papel pró-cíclico na economia, por reduzir remunerações quando um número maior de trabalhadores, constrangidos pelo desemprego, se inscrevem na plataforma, elevando a oferta de trabalho²¹. O papel pró-cíclico pode produzir efeitos macroeconômicos deletérios, uma vez que as variações instantâneas das remunerações e da demanda dos serviços plataformizados podem exercer um efeito de aprofundamento de uma crise em período de tendências recessivas do ciclo econômico.

Um elemento importante a se destacar sobre este tipo de trabalho é o fato de não ser exatamente inédito, ao menos no Brasil. O grau de presença da informalidade nas relações de trabalho permite a leitura de que “a história da economia brasileira se traduz em ser uma grande *gig economy*, com o *gig* sendo a norma permanente, algo imposto na gestão da sobrevivência da classe trabalhadora. Isso significa que a precariedade e a informalidade não são novidades”²².

A juventude, economia de plataforma e trabalho

Analisar a inserção laboral dos jovens possibilita compreender a dinâmica do mercado de trabalho como um todo e suas tendências de transformação. Por estarem no início da vida laboral, possuem vínculos de emprego mais frágeis e, de modo geral, não serem responsáveis exclusivos por sua subsistência material, observa-se entre os jovens o ingresso e saída do mercado de trabalho de forma relativamente instável, a depender do ciclo econômico, da renda das famílias, do nível de proteção social proporcionado pelo Estado e do nível de desenvolvimento econômico de cada país. Destarte, é possível identificar diferenças estruturais da inserção laboral entre jovens de países do capitalismo central e de países subdesenvolvidos.

Como apresentado em Sousa²³, a escola estabeleceu as condições materiais para o surgimento histórico da categoria juventude. Mas, se a escola condicionou as pessoas deste grupo etário à disciplina, ao trabalho em grupo, ao respeito às hierarquias e à rotina fabril²⁴, também os convidou a pensar o

21 SOUSA, E. J. S.; Ortiz Meinberg, M. (2020). A “uberização” e o aprofundamento da flexibilização do trabalho. *Princípios*, 39(159), 107 - 125. <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2020.159.005>

22 GROHMANN, Rafael. Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021

23 SOUSA, E. J. S. Inserção dos jovens no mercado de trabalho, subdesenvolvimento e as mudanças estruturais / Tese (Doutorado em Economia) — Instituto de Economia, Universidade de Campinas, Campinas, 2020

24 Wickert, L. F. (2006). Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego.

mundo de modo distinto de seus ascendentes, criando e partilhando códigos sociais, padrões estéticos, interpretações do mundo e utopias comuns²⁵. Dessa forma, a juventude pode ser caracterizada pelo período de transição da infância para a vida adulta, que inevitavelmente está relacionado à educação e ao trabalho. Este grupo etário, constituído a partir do advento da sociedade urbana industrial, de um tipo particular de padronização do trabalho e de códigos sociais constituídos na escola, surgiu a partir de condições históricas, sociais e materiais específicas, não se caracterizando meramente pela idade biologicamente definida²⁶.

Assim, a juventude é um grupo etário que articula o período da vida em que realiza experimentações, construção de autonomia e transição para a vida adulta. A forma com que realizará estes verbos dependerá das condições econômicas e sociais de cada país e da classe social de suas famílias. As famílias de jovens de classe média podem comprar o tempo livre de seus filhos a fim de ampliarem o período de experimentações, alongar a construção de autonomia e a educação formal. Com acesso ao capital econômico, estas famílias poderão ampliar o capital cultural e social de seus filhos, o que lhes fornecerá oportunidade para um ingresso qualificado no mundo do trabalho. Já entre os filhos de trabalhadores de baixa renda, o ingresso na vida laboral é urgente, seja para contribuir na composição da renda familiar ou para realizar experiências juvenis - ao menos as que forem possíveis²⁷. No Brasil, a histórica precariedade material das famílias e a profunda desigualdade impõem o ingresso precoce e precário de grande parcela dos jovens na força de trabalho, o que permitiu que Guimarães²⁸ reafirmasse a centralidade do trabalho na vida dos jovens, seja por estarem trabalhando, seja por permanecerem longos períodos desempregados.

Essa centralidade também se expressa no processo de plataformização do trabalho, em curso. Segundo Garcia²⁹, entre 2012 e 2019 a proporção de

Psicologia Ciência e Profissão, 26(2), 258-269.

25 SOUSA, E. J. S. Inserção dos jovens no mercado de trabalho, subdesenvolvimento e as mudanças estruturais / Tese (Doutorado em Economia) — Instituto de Economia, Universidade de Campinas, Campinas, 2020

26 BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 112-121.

27 OLIVEIRA, T. (2015) Trabalho e padrão de desenvolvimento: Uma reflexão sobre a reconfiguração do mercado de trabalho. Tese de Doutorado – Instituto de Economia, Universidade de Campinas, SP: [s.n.], 2015

28 GUIMARÃES, Nadya. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (orgs.). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2004

29 Fonte: IBGE / PNADC. Elaboração DIEESE com metodologia de GARCIA, L. O mercado de trabalho brasileiro em tempos de plataformização: contexto e dimensionamento do trabalho cyber-coordenado por plataformas digitais. Porto Alegre: Dissertação no Mestrado de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande

pessoas na economia de plataforma ampliou-se apenas entre jovens com idade entre 14 e 29 anos, partindo de 22,7% em 2012 e atingindo quase um quarto em 2019. A maior exposição dos jovens à economia de plataforma, especialmente nas atividades mais precárias, ocorre devido a pelo menos cinco motivos. O primeiro é a pouca experiência profissional e menores qualificações, o que os impele a aceitar ocupações precárias e com menores remunerações, a fim de suplantar o obstáculo da falta de experiência, podendo as ocupações plataformizadas figurarem como alternativa. Uma evidência de como a baixa qualificação impele para as ocupações plataformizadas é que apenas 17% dos jovens com idade de 25 a 29 anos ocupados em plataformas possuem ensino superior (completo ou incompleto), enquanto entre os demais trabalhadores por conta própria na mesma faixa etária, essa proporção é de 37,7%³⁰.

O segundo motivo que os leva a buscarem qualquer ocupação que lhes dê algum rendimento, sobretudo em períodos de crise econômica com o desemprego impactando diversos membros da família. Na pesquisa da Aliança Bikes³¹, quando indagados sobre qual é a principal vantagem em trabalhar com aplicativos de entrega de comida, a principal resposta foi “emprego rápido, sem processo seletivo”. Essa pesquisa mostrou, ainda, que a maioria desses jovens é negra, homem e reside na periferia da cidade. Garcia³² aponta que, em 2019, existia uma proporção 18% maior de negros com até 24 anos que não negros trabalhando em plataformas, evidenciando que os jovens e negros, mais expostos ao desemprego, por vezes encontram nas plataformas a única alternativa de rendimentos.

A terceira razão é que os jovens possuem maior familiaridade com as tecnologias, o que lhes permite executar uma gama mais diversificada de serviços plataformizados. Isso, no entanto, não significa que essas atividades sejam de elevada complexidade ou tenham remunerações dignas, muito pelo contrário. Deve-se destacar, ainda que, provavelmente, esse diferencial de habilidade tende a se reduzir conforme se consolidem e uniformizem as tecnologias digitais voltadas ao trabalho.

Em quarto lugar, os jovens possuem maior predisposição física para o trabalho, característica que permite que este grupo etário execute longas e intensas jornadas de trabalho, por exemplo, nas plataformas de trabalho de

do Sul, 2021.

30 Fonte: IBGE / PNADC. Elaboração DIEESE com metodologia de GARCIA, L. O mercado de trabalho brasileiro em tempos de plataformização: contexto e dimensionamento do trabalho cyber-coordenado por plataformas digitais. Porto Alegre: Dissertação no Mestrado de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

31 ALIANÇA BIKE (2019). Pesquisa do Perfil dos Entregadores Ciclistas de Aplicativo. Associação Brasileira do Setor de Bicicletas, 2019

32 Fonte: IBGE / PNADC. Elaboração DIEESE com metodologia de Garcia (2021).

entregas, podendo auferir rendimentos superiores aos dos não jovens³³. Essa característica de variação etária de rendimentos pode significar um cenário desolador, tendo em vista a impossibilidade de progressão de carreira e a tendência ao declínio de rendimentos conforme se envelhece. Como esse tipo de atividade não prevê contribuição previdenciária e tende a não possibilitar formas privadas de aposentadoria (dadas as baixas remunerações), o desgaste físico e envelhecimento apontam para o empobrecimento do trabalhador e de sua família. Basta observar que menos de 5% dos jovens com até 24 anos ocupados em plataformas realizam contribuição previdenciária³⁴.

Por fim, os jovens no Brasil precisam conciliar trabalho e estudo, o que os obriga a encontrar ocupações com o mínimo de flexibilidade para continuar estudando e lhes é ofertado no trabalho plataformizado. Ainda que pareça contraditório, visto que em atividades como a de entregador de comida por bicicleta, mais da metade dos entregadores por aplicativo relatam trabalhar 10 horas por dia em todos os dias da semana³⁵, na mesma pesquisa a flexibilidade de horário consta como segunda maior vantagem de trabalhar nas plataformas de entrega, o que lhes permite não só trabalhar e estudar, como buscar condições materiais e de tempo para exercer outras atividades inerentes ao “ser jovem”. O problema é que, em média, a remuneração mensal dos trabalhadores de plataforma com idade até 24 anos é de R\$ 844,00 e a remuneração média por hora trabalhada reduziu-se entre 2012 e 2019³⁶, impelindo-os a implementarem jornadas mais longas (não apenas em atividades plataformizadas), o que obstaculiza os estudos e as experiências juvenis.

Considerações finais

Compreender a inserção dos jovens no trabalho plataformizado indica as tendências gerais desse tipo de ocupação para a sociedade, em primeiro lugar por se tratar de um grupo etário numericamente muito expressivo no mercado de trabalho. Representando cerca de um quarto da população no Brasil, os jovens de 15 a 29 anos são mais de um terço da força de trabalho

33 Podemos afirmar, ainda, que a extensa jornada semanal é apenas uma face da intensificação do trabalho aqui são dois conceitos diferentes – duração e intensidade do trabalho – neste caso, nos referimos a ausência de pausas, ritmo acelerado, polivalência, tendo em vista que um ingresso precoce e uma saída tardia da vida laboral representam um desgaste do trabalhador que necessita ser computado.

34 Fonte: IBGE / PNADC. Elaboração DIEESE com metodologia de GARCIA, L. O mercado de trabalho brasileiro em tempos de plataformização: contexto e dimensionamento do trabalho cyber-coordenado por plataformas digitais. Porto Alegre: Dissertação no Mestrado de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

35 ALIANÇA BIKE (2019). Pesquisa do Perfil dos Entregadores Ciclistas de Aplicativo. Associação Brasileira do Setor de Bicicletas.

36 Fonte: IBGE / PNADC. Elaboração DIEESE com metodologia de Garcia (2021).

e quase metade dos desempregados³⁷. Esse grande contingente de pessoas pressionando para o ingresso na vida laboral pode gerar impactos expressivos sobre a oferta de trabalho nas plataformas, sobretudo em períodos de crise e elevado nível de desemprego.

Com um mercado de trabalho crescentemente polarizado, a educação formal pode deixar de ser uma alternativa atrativa para jovens pressionados ao ingresso precoce no mercado de trabalho, como ilustra o dado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)³⁸, que mostra como principal motivo (39,1%) do abandono escolar por parte de jovens a necessidade de trabalhar. Os jovens das famílias mais pobres tendem a construir suas estratégias formativas a partir do horizonte profissional possível. O desinteresse pela educação tende a se agravar quando as atividades plataformizadas acessíveis aos jovens forem *gamificadas*, demasiadamente rotinizadas, simples, exaustivas e alienadas, como ocorre em plataformas de *crowdworker*.

Um atributo prevalente entre os jovens e de grande relevância à expansão da economia de plataforma é a predisposição juvenil a ações coletivas, construção de identidade e práticas organizativas. Com a necessidade de vislumbrar um horizonte que transcenda o curto prazo, com o desprendimento de quem não é responsável exclusivo por sua subsistência e com o histórico de atuação reivindicatório prevalente entre jovens, as novas formas de organização de trabalhadores tendem a surgir entre trabalhadores deste grupo etário, como indica o movimento “breque dos apps” e apontam pesquisas sobre a organização desses trabalhadores e a construção de plataformas alternativas. Seja por imposição material ou contingência histórica, em sintonia ou não com organizações tradicionais de trabalhadores, novas formas de atuação coletiva tendem a surgir em atividades plataformizadas.

Referências:

ALIANÇA BIKE (2019). Pesquisa do Perfil dos Entregadores Ciclistas de Aplicativo. Associação Brasileira do Setor de Bicletas. Disponível em: http://aliancabike.org.br/wpcontent/uploads/2020/04/relatorio_s2.pdf > Acesso em mai de 2020.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 112-121.

DANTAS, Marcos. The Financial Logic of Internet Platforms: The Turnover Time of Money at the Limit of Zero. *TripleC*, v. 17, n. 1, pp. 132-158, 2019.

DE STEFANO, Valerio. The Rise of the ‘Just-in-Time Workforce’: On-Demand Work, Crowdwork and Labour Protection in the “Gig-Economy. Genebra: OIT,

37 IBGE. Indicadores IBGE: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua; Primeiro Trimestre de 2021

38 IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

2016. (Conditions of Work and Employment Series, n. 71).

DEDECCA, Cláudio Salvadori. Racionalização econômica, emprego e relações de trabalho no capitalismo avançado. 2005. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: < <https://www.eco.unicamp.br/colecao-de-teses/racionalizacao-economica-e-trabalho-no-capitalismo-avancado> >. Acesso em: 5 Jan. 2021.

GARCIA, L. O mercado de trabalho brasileiro em tempos de plataformização: contexto e dimensionamento do trabalho cyber-coordenado por plataformas digitais. Porto Alegre: Dissertação no Mestrado de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. Endereço de acesso: <https://www.sabi.ufrgs.br>

GROHMANN, Rafael. Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021.

GUIMARÃES, Nadya. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (orgs.). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE. Indicadores IBGE: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua; Primeiro Trimestre de 2021. Brasília: IBGE, 25 mai. 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2021_1tri.pdf>. Acesso em: 30/07/2021.

LA FERRARA, Eliana, Alberto CHONG, and Suzanne DURYEA (2012). "Soap Operas and Fertility: Evidence from Brazil." *American Economic Journal: Applied Economics*, 4 (4): 1-31.

MARX, Karl. O capital: crítica da Economia Política, volume I, tomo 1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. (Os Economistas).

OLIVEIRA, Francisco de. Crítica à Razão Dualista / O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003 [1972].

OLIVEIRA, T. (2015) Trabalho e padrão de desenvolvimento: Uma reflexão sobre a reconfiguração do mercado de trabalho. Tese de Doutorado – Instituto de Economia, Universidade de Campinas, SP: [s.n.], 2015

POCHMANN, M. Transformações Atuais do Capitalismo. Youtube, 22 mai. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wnppA31y9BM&t=913s>>. Acesso em: 22/07/2021.

POCHMANN, Márcio. Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2020, v. 25, n. 1 [Acessado 22

Julho 2021] , pp. 89-99. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.29562019>>.

SOUSA, E. J. S. Inserção dos jovens no mercado de trabalho, subdesenvolvimento e as mudanças estruturais / Tese (Doutorado em Economia) — Instituto de Economia, Universidade de Campinas, Campinas, 2020

SOUSA, E. J. S.; Ortiz Meinberg, M. (2020). A “uberização” e o aprofundamento da flexibilização do trabalho. *Princípios*, 39(159), 107 - 125. <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2020.159.005>

SOUZA, Paulo Renato. A determinação dos salários e do emprego nas economias atrasadas. 1980. [195] f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285725>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

WICKERT, L. F. (2006). Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(2), 258-269.

WRIGHT MILLS, C. A Nova Classe Média: White Collar. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1969 (1ª edição, 1951).